

O TIL

JORNAL LITTERARIO, E NOTICIEIRO.

Por seis mezes
18000 reis.

Não ha numero
avulsos.

PAGAMENTO ADIANTADO.

N. 2

1874.

ANNO. I

O TIL

Desterro, 11 de Outubro de 1874.

Quando comprehendemos a publicação deste fraco mensageiro de nossas mesquinhas concepções, procurámos um titulo que correspondesse á pequenez do seu formato e á pobreza de nossa intelligencia; e o *Til*, este monosyllabo, que tem por significação um signal orthographico, foi o que achámos mais adequado aquelle fim.

Tão expressivo vocabulo dá bítola de nossos singelos escriptos.

FOLHETIM

RODA—PÉ DO TIL

Amaveis Redactores! — Depois de bayer em extasis aspirado os doces effluvios massados da leitura de nosso jornalsinho, grato mensageiro das bellas producções de nossas florentes intelligencias, suggerio-me a idéa de, como fraco contingente de

que a medo fômos dando á luz da publicidade, até que venhão os zoilos feril-os com a critica mordaz.

Embora, porém, surjão aquelles com esta destruidora arma, comtudo caminharemos impavidos pela senda que encetámos.

O campo que cultivamos é fertil. porem o seu amanho é por demais trabalhoso.

Trabalharemos, pois.

Trabalharemos, sim; porém esse trabalho será lento, porque os otreiros são debeis e o seu numero é pequeno.

minha vacillante e rude penna. ajudar-vos em vossa ofanosa lida.

Sou portanto um soldado que vem voluntariamente alistar-se em vossas bandeiras. afim de, engrrossando as fileiras de tão brilhante e esperançosa cohorte, ajudar-vos a colher a palma, que pelas vossas lucubrações e fadigas vos prepara o futuro.

Suggestida pois a idéa, cogitei da escolha do genero da offerta que heb-

Como a flor mimosa da campina, que aos primeiros brilhos de uma madrugada esplendida derrama pela natureza os seus doces e enebriantes perfumes, assim a nossa mocidade, a iniciadora deste modesto organ litterario, vai dando alguns passos, ainda que vacilantes na brilhante carreira das letras.

Alguns periodicos litterarios tem apparecido em nossa bella provincia, os quaes, porém, têm tido ephemera duração, já pela indifferença de uns, já pelo desprezo de outros.

Esperamos, porém, que o mesmo não succeda ao nosso *Til*, por que é nosso mais ardente desejo trabalhar cultivando com afiço as nossas acanhadas intelligencias, para que um dia possam ellas expandir os doces perfumes da sciencia, e elevar seus vôos nas perfumosas azas da poesia.

domadariamente deveria fazer aos vossos leitores, e qual outro Archimedes ao descobrir a incognita, exclamei: « Um Roda-pé » !

Por conseguinte eis-me de pôsse de quatro meias columnas do recém-nascido *Til*, e onerado de um compromisso que terei de cumprir, sem trégoas, todas as semanas.

Confiado na benevolencia dos vossos amaveis leitores, espero que me serão relevadas as faltas que encontrarém no correr do meu humilde e tosco trabalho, filho de uma intell-

O cultivo da intelligencia é a nossa gloriosa divisa; por isso pedimos ao publico que não nos abandone no meio da estrada que trilhamos, e as almas amantes das letras que não nos deixe de prestar o seu valioso auxilio, por que só assim poderemos vêr realisados no futuro os nossos sonhos do presente.

POESIAS.

RECORDAÇÕES DO BAILE.

Grata lembrança conservo
D' essa noite venturosa,
Em que vi-te, minha amada,
Qual imagem vaporosa.

Era n'um baile... teu rosto
Brilhava n'um mar de luzes,
Esse rosto setinoso
Com que tanto me seduzes.

gencia mediocre e pouco cultivada.
Com este preambulo dou por encetada a minha missão, cumprindo-me entretanto scientificarvos que ella consistirá em tratar de assumptos que comportem o limitado espaço que me haveis dispensado.
Aqui me dispesso de VVs. SSS., e mui especialmente das sympathicas leitoras, com quem não poucas vezes terei occasião de entreter-me.

Vosso respeitador

Tyrteo.

Os cachos de teus cabellos
Sobre teus hombros pendião.
E teu corpo donairoso
Branças vestes encobrião.

Eras da festa a rainha,
Eras do baile o primor,
E meu peito fascinado
Foi presa logo de amor.

Amei-te, pois, n'essa noite.
Amei-te e amo-te ainda....
Meu coração te pertence...
Minha paixão é infinda.

Mas este amor que te sagro
É puro e casto, donzella,
Como é puro o branco lyrio,
Como é tú, alma bella,

E de tão saudoso baile
Só me resta hoje a lembrança
Do teu rosto tão formoso,
E dessa mimoza trança!...

Desterro, 9 Outubro de 1874.

* * *

—
DESPRESO.

Eu amei uma donzella
Quanto eu amar podia,
Entre seus bellos carinhos
Vi que ella amor fingia!

Não olhei mais nessa virgem
Em quem eu louco amor tinha,
Por muitas vezes eu lhe dice;
Tú sempre queres ser minha?

Ella sempre respondia-me
Com voz de amor e esperança,
Serei tua já te dice
Meu amor é de fiança.

Passou-se assim algum tempo
Que nisto não se fallou,
Ella logo muito breve
Outro amante procurou!

Mas, eu pençando que ella
Firme amor me consagrava,
N'aquelles falsos olhares
Vi que me não amava.

Agora diz-me oh! ingrata
A quem tú fostes amar.
Uma arvore sem folhas
Um passarinho no ar!

Pois tú sabias ingrata
Que só ati eu amava,
Sabias que no meu peito
Forte amor eu te guardava.

Pois tú sabias ingrata
Que só por ti quisera viver,
Acabou-se o nosso amor
Foi por ti, quero morrer!

Foi porque se acabou
Esse amor que nos unia,
Foi por ti, sempre direi
Eu te amava, e tu fingia!

Esse tempo de saudades
Que logo te ha de apertar,
Tú dirás quanto foi louca
De te deixar de amar.

Adeus amante de outr'ora
De mim, nunca tenhas dó,
Eu soffrerei as saudades
D'esse amor que resta pó !
A. S. Neves.

VARIÉDADE

JOANINHA A DOIDA

I

Mas em breve a pobre mãe tinha de soffrer dor cruel, dor que dilacera: seu filho, unico fio que a prendia a vida, fôra atacado dessa molestia que mata, destruindo pouco a pouco os órgãos vitaes, e a que chamam consumpção; e ella, a mãe extremosa, soffria agonias ao ver seu filho expirar lentamente, como a flor do prado quando benéfico raio do sol a não vem reanimar.

«Mãe... agua... dáme agua !

«Não, filhinho, espera... deixa-me aquentar-a; a agua fria faz-te mal.

«Oh ! tenho tanta sede !

«Paciencia, filho, espera.

«Mãe !... eu morro !

«Socega... vê se podes dormir.

«Não tenho somno, mãisinha.

«Bebe, bebe agora; está mor-na.

«Mais, mãe.

«Bebe pouco.

«Agora, mãisinha, quero dormir; canta aquella *cantiga* tão bonita que falla em papai do céu.

E a infeliz mãe, com a voz entre-cortada pelos soluços, entou a canção com que outr'ora emballava seu filho.

A criança fechou os olhos e adormeceu...no seio de Deus, ao som da canção materna.

Um grito, um só, mas um grito que devia ser o estalar de um coração, lançou a infeliz ao sentir gelado o corpo de seu filho.

A este grito de mãe succedeu o baque de um corpo sobre o humido chão; depois...o funereo clarão da lamparinha vacillou e extinguiu-se lentamente.

E tudo foi silencio.

(Continúa.)

Impresso na Typographia do
Conseruator,